

***O RECIFE E O CENTENÁRIO DE DELMIRO GOUVEIA EM PERNAMBUCO  
(1963)<sup>1</sup>***

***THE CITY OF RECIFE AND THE DELMIRO GOUVEIA CENTENARY IN  
PERNAMBUCO (1963)***

***EL RECIFE Y EL CENTENARIO DE DELMIRO GOUVEIA EN  
PERNAMBUCO ( 1963)***

DILTON CÂNDIDO SANTOS MAYNARD

Universidade Federal de Sergipe

Membro do GET/UFS/CNPq

Aracaju / Sergipe, Brasil

[dilton@getempo.org](mailto:dilton@getempo.org)

**Resumo:** O artigo analisa as comemorações do centenário de Delmiro Gouveia, ocorridas em 1963. Considerado um mártir na luta contra brasileira o capital estrangeiro, o empreendedor pioneiro no aproveitamento do potencial hidrelétrico do rio São Francisco e o modernizador dos sertões alagoanos, Delmiro foi retomado como um ícone nacionalista num contexto em que se discutiam os rumos para o desenvolvimento do Nordeste. As comemorações do seu centenário de nascimento, ocorridas em Pernambuco, envolveram esforços para atribuir ao “coronel dos coronéis” o epíteto de pioneiro na redenção regional. As diversas atividades constituintes destas celebrações revelam um embate não só pela confecção da memória do homenageado, bem como uma tensão entre transformá-lo em um herói nacional e utilizar a sua biografia para acentuar as particularidades do povo nordestino. Neste texto, o alvo das atenções é a “Semana Delmiro Gouveia” (SDG), organizada pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS), localizado no Recife, Pernambuco. Ali estiveram reunidos alguns dos principais estudiosos de Gouveia que, sob a coordenação de Gilberto Freyre e Mauro Mota, apresentaram as suas interpretações sobre a vida e a obra do “Coronel dos Coronéis”.

**Palavras-chave:** Delmiro Gouveia. Comemoração. Nordeste Brasileiro.

**Abstract:** This article analyzes the centenary celebrations of Delmiro Gouveia, occurred in 1963. Considered a martyr in the fight against Brazilian foreign capital, the pioneering entrepreneur in harnessing the hydropower potential of São Francisco River and the modernizing of Alagoas backwoods, Delmiro was included as a nationalist icon in a context in which they discussed the directions for the Northeast development. The celebrations of his centenary birth, occurred in Pernambuco, had involved efforts to give him the epithet pioneer in regional redemption. The various constituent activities of these celebrations reveal a clash not only by creation of the honoree's memory as well as a tension between turn it into a national hero and use his biography to emphasize the particularities of the northeastern people. This paper is mostly about the "Delmiro's Gouveia Week", organized by the Institute for Social Research Joaquim Nabuco, located in Recife, State of Pernambuco. In this place gathered some of the leading scholars of Gouveia, who, under the coordination of Gilberto Freyre and Mauro Mota, presented their interpretations of the life and work of biggest colonel in Brazilian history.

**Keywords:** Delmiro Gouveia. Celebration. Northeast Brazil.

---

<sup>1</sup> Artigo submetido à avaliação em 17/08/2013 e aprovado para publicação em 26/10 /2013.

**Resumen:** El artículo analiza las festividades del centenario de Delmiro Gouveia que ocurrieron en 1963. Considerando un mártir en lucha contra brasileña el capital extranjero, el emprendedor pionero en el aprovechamiento del potencial hidroeléctrico de río São Francisco, y el modernizador de los campos alagoanos, Delmiro fue rememorado como un ícono nacionalista en un contexto en que se discutían los caminos para el desarrollo del Nordeste. Las conmemoraciones de su centenario de nacimiento, ocurridas en Pernambuco, involucraron esfuerzos para atribuir al "coronel dos coroneis" e epíteto de pionero en la redención regional. Las diversas actividades constituyentes de estas celebraciones revelan un embate no solamente por la confección de la memoria del homenajeado, así como una tensión entre transformarlo en un héroe nacional y utilizar su biografía para acentuar las particularidades del pueblo nordestino. En este texto, el objeto de las atenciones es la "SEMANA DELMIRO GOUVEIA" (SDG), organizada por el *Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS)*, situado en Recife, Pernambuco. Allí, estuvieron reunidos algunos de los principales estudiosos de Gouveia que, bajo la coordinación de Gilberto Freyre y Mauro Mota, presentaron sus interpretaciones sobre la vida y obra del "coronel dos coroneis".

**Palabras clave:** Delmiro Gouveia. Conmemoración. Nordeste Brasileño.

- Uma ocasião levaram-me a uma festa. Um velho festejava o seu centésimo aniversário. Quis saber como é que ele se sentia. O pobre homem sorriu-me atônito, disse-me, não sei bem, aconteceu tudo muito rápido. Referia-se aos seus cem anos de vida e era como se estivesse a falar de um desastre, algo que sobre ele tivesse desabado minutos antes. Às vezes sinto o mesmo. Dói-me na alma um excesso de passado e de vazio.

Pedro Gouveia<sup>2</sup>

Esta pesquisa analisa as comemorações do centenário de Delmiro Gouveia, ocorridas em 1963. Considerado um mártir na luta contra o capital estrangeiro, pioneiro no aproveitamento do potencial hidrelétrico do rio São Francisco, modernizador dos sertões alagoanos, Delmiro foi retomado como um ícone nacionalista num contexto em que se discutiam os rumos para o desenvolvimento do Nordeste. As comemorações do seu centenário de nascimento, ocorridas em Pernambuco, demonstraram esmero em atribuir ao "coronel dos coroneis" o epíteto de pioneiro na redenção regional. As diversas atividades constituintes destas celebrações revelam um embate não só pela confecção da memória do homenageado, bem como uma tensão entre transformá-lo em um herói nacional e utilizar a sua biografia para acentuar as particularidades do povo nordestino.

Em Pernambuco, o alvo das minhas atenções é a "Semana Delmiro Gouveia" (SDG), organizada pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS). Ali estiveram reunidos alguns dos principais estudiosos de Gouveia. À sombra de Gilberto

---

<sup>2</sup> Pedro Gouveia é um personagem duplo, do romance de José Eduardo Agualusa. O biógrafo Félix Ventura rebatiza-o como José Buchmann. Cf. AGUALUSA, José Eduardo. *O vendedor de passados*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004. p. 40.

Freyre (1900-1987) e Mauro Mota (1911-1984), os “delmirólogos” apresentaram resultados de pesquisas, reclamaram maior espaço para o cearense nas narrativas da nação, invocaram o desenvolvimento regional, lamentaram a perda de um herói. A partir das comemorações nestes dois lugares, reflito sobre os caminhos tomados para lembrar o “coronel dos coronéis”, bem como acerca das instrumentalizações e remanejamentos impostos à sua memória. Tal análise de comemorações, em tempos agitados como os anos 60, sobretudo o ano de 1963, “pode estar representando uma tentativa de mobilização social em torno de novas ideias e grupos de prestígio e ou poder”<sup>3</sup>. Creio que depois destas considerações sobre o centenário, as demais produções culturais em torno de Delmiro Gouveia podem ser pensadas com maior comodidade.

### **1963: O “Ano Delmiro Gouveia”**

Após a sua morte em 1917, Delmiro Gouveia recebeu diversas homenagens. Discursos, missas, artigos de jornais lembraram o industrial pelo Brasil afora. Nos meses seguintes ao assassinato, jornalistas, intelectuais e políticos manifestaram as suas impressões sobre Gouveia e seus empreendimentos. Porém, tempos depois, em 1942, Graciliano Ramos chamava atenção para “um profundo esquecimento” que cobriu Delmiro e “amortalhou a indústria aparecida com audácia no sertão”. Com isto “os cavalos despertados por Gouveia, adormeceram de novo na cachoeira magnífica”<sup>4</sup>.

O ano de 1963 experimentou um esforço para afastar este eclipse. Na verdade, o início dos anos 1960 envolveu uma série de eventos com vistas a comemorar o centenário de nascimento do criador da Cia Agro-Fábrica Mercantil, sendo 63 o ápice destes trabalhos. A tarefa principal, para os organizadores das diferentes atividades celebrativas, consistiria em responder a críticas como as de Graciliano e mesmo à acusação feita pela filha de Gouveia que, em 1955, numa entrevista ao *Correio da Manhã*, já reclamava a exaltação das ações do seu pai. Maria Gouveia teria declarado: “Perseguido, em vida, pelo truste internacional, meu pai continua, depois de morto,

---

<sup>3</sup> MASCHIETTO, Cármem Cecília Trovatto. *A tradição euclidiana: uma ponte entre a história e a memória*. São Paulo: Arte e Ciência; São Paulo: UNIRIO, 2002. p.3.

<sup>4</sup> RAMOS, Graciliano. Recordações de uma indústria morta. In: \_\_\_\_\_. *Viventes das Alagoas: quadros e costumes do Nordeste*. 7 ed. Rio Grande do Sul: Record; São Paulo: Martins Fontes, 1977. p. 116.

perseguido pelo truste nacional do silêncio”<sup>5</sup>. Porém, Félix Lima Jr, um dos biógrafos de Delmiro, respondeu à acusação de Maria escrevendo: “ao que me parece, somente em parte tem razão a distinta senhora”<sup>6</sup>.

Afinal de contas, este “eclipse da memória” efetivamente ocorreu ou o que houve foi o esquecimento por determinados grupos e a apropriação por outros setores? Parece ser exagerada a ideia de um silêncio profundo sobre Delmiro Gouveia. O que houve, talvez, foi certa desorganização na sua memória. Trabalhos esparsos marcaram a história da memória da personagem no período imediatamente posterior à sua morte, estendendo-se até os anos 1960, quando supostamente as coisas teriam sido alavancadas.

Vejamos alguns exemplos disto. Nos anos 1910, o assassinato do agroindustrial foi noticiado na *Revista da Semana*, entre outros periódicos do país. A revista descreveu assim o falecido: “organização masculina de Yankee”, “dono de uma “energia cyclopica” e “verdadeiro emulo do (...) Visconde de Mauá”. No mesmo texto, Delmiro é classificado como “uma das existências mais úteis e laboriosas do Brasil actual”. A publicação noticia uma palestra do médico Plínio Cavalcanti na Sociedade Nacional de Agricultura, tendo por tema as impressões do palestrante sobre a Vila da Pedra e seu morto mais ilustre. O vilarejo, explica o periódico, era fruto da “energia cyclopica” do negociante cearense e consistia “n’uma verdadeira civilização (sic) encravada dentro da barbárie do sertão nordeste”<sup>7</sup>.

A notícia do assassinato de Gouveia circulou por vários estados brasileiros. Dia 11 de outubro de 1917, o *Diário de Pernambuco* publicou telegramas sobre a morte. De Maceió, veio o informe que “a vítima lia descuidadamente um jornal no alpendre da sua casa (...) o coronel Delmiro Gouveia foi traiçoeiramente alvejado por três indivíduos que o feriram mortalmente a rifle”. De Garanhuns, chegava a notícia do crime ocorrido por volta das 21 horas, de autoria ignorada “sabendo-se apenas que são em número de três”. O *Jornal de Recife*, em 12 de outubro, lamentava a perda do homem “ativo, inteligente, operoso como poucos”, responsável por “importante propriedade industrial em Pedra, Estado de Alagoas”<sup>8</sup>. Em Sergipe, o *Correio de Aracaju* comunicava o crime e descrevia o coronel como “um homem trabalhador, de

---

<sup>5</sup> Maria Gouveia teria declarado na ocasião: “Perseguido, em vida, pelo truste internacional, meu pai continua, depois de morto, perseguido pelo truste nacional do silêncio”. Cf. Paulo Afonso: não olvidemos a obra de Delmiro Gouveia. *Correio de manhã*, jan. 1955. p.1.

<sup>6</sup> LIMA JÚNIOR, Félix. *Delmiro Gouveia: o Mauá do sertão alagoano*. 2. ed. Maceió: Departamento Estadual de Cultura/Federação do Comércio do Estado de Alagoas, 1983. p. 293.

<sup>7</sup> DELMIRO Gouveia. *Revista da Semana*. Rio de Janeiro, 20 out. 1917, p.18.

<sup>8</sup> Cf. TELEGRAMAS. *Diário de Pernambuco*, 11 out. 1917; *Jornal de Recife*, 12 out. 1917.

operosidade assinalável” e “dono de uma coragem e energia raras”, um “trabalhador forte”. Acima de tudo, sentenciou o periódico, Gouveia era um disciplinador. Outro folhetim sergipano, o Diário da Manhã, chamou Gouveia de “grande industrial”, “fidalgo cavalheiro”, “assaz estimado”<sup>9</sup>.

Pouco depois, nos anos 1920, o assassinato de Gouveia foi uma das justificativas para conferir à Fábrica da Pedra a marca de um empreendimento nacional, alvo de concorrência desleal e, desta maneira, legitimar as medidas protecionistas assinadas pelo então presidente Arthur Bernardes (1875-1955)<sup>10</sup>. Conforme o Decreto 17.383 de 19 de julho de 1926, elevava-se a taxa de importação de linha de dois mil para dez mil réis por quilo. A mesma conjuntura de “competição desleal” fomentou ainda a promessa de um empréstimo (que não se cumpriu) de 3000000\$000 para a Fábrica a partir do Banco do Brasil. Ora, se o nome e os feitos do cearense estavam sendo instrumentalizados para fins comerciais ou nacionalistas, não é acertado afirmar que ele fora esquecido. Também não é possível dizer que o ano de 1952 tenha sido de silêncio, pois nele a antiga “Vila da Pedra” tornava-se “Delmiro Gouveia” através do decreto-lei n. 1623, de 16 de junho daquele ano<sup>11</sup>. Temos aqui uma situação curiosa. Uma cidade nomeada por Gouveia. A estratégia de inserir o nome do cearense na geografia brasileira não é inédita na toponímia nacional<sup>12</sup>. Esta espécie de “geopolítica da memória”<sup>13</sup> sinaliza para a importância que o coronel adquiriu naqueles dias.

---

<sup>9</sup> DELMIRO Gouvêa. *Correio de Aracaju*, 12 out.1917, p.1; ASSASSINATO covarde. *Diário da Manhã*. 12.out.1917, p. 2.

<sup>10</sup> Cf. LIMA JÚNIOR, op.cit., p. 276.

<sup>11</sup> MENDONÇA JÚNIOR, A. S. de. A Hidrelétrica de Paulo Afonso. *Discursos parlamentares*. Maceió/Alagoas, s/d, p. 93-102; HISTÓRICO da cidade de Delmiro Gouveia. [on line]. Disponível em: <<http://www.estadodealagoas.com.br/delmiroGouveia/hist.htm>> Acesso em: 8 set. 1999.

<sup>12</sup> Sobre esta estratégia para propagandear uma determinada personagem, Peter Burke realiza uma instigante incursão nas práticas de celebração do rei Luís XIV. O autor apresenta instituições como o “Departamento da Glória”, dedicado a promover *l’histoire du roi*, organizando a apresentação da imagem do rei. O mesmo Burke escreve sobre o surgimento de lugares com o nome do “rei sol”: “certamente era difícil imaginar formas de louvação que já não tivessem sido empregadas a essa altura, mas a invenção de nomes de lugares em homenagem ao rei merece menção. A fortaleza construída em Saarland na década de 1680 foi chamada de ‘Saarlouis’, para eternizar sua memória (a cidade leva seu nome até hoje, embora atualmente faça parte da Alemanha). Foi também nessa época, em 1682, que o Chevalier de la Salle deu o nome de ‘Louisiana’ a parte do continente norte-americano”. Cf. *A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV*. Tradução de Maria Luísa X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. p.71; 97.

<sup>13</sup> Tomo por empréstimo este termo de Tatiana Zhurzhenko, que analisou em um artigo as estratégias de reconstrução da identidade europeia nos espaços pós-soviéticos. As discussões sobre uma memória comum entre os europeus, sobretudo no que concerne ao período da II Guerra Mundial e aos anos de existência da antiga U.R.S.S revelam diferentes movimentos para influenciar nas ambições de hegemonia política e econômica de líderes como Vladimir Putin. A instrumentalização da memória histórica, através de uma proposta de construção da história aparece em narrativas como a da “Grande Guerra Patriótica”. Segundo esta autora, “during the 1990s, the political regimes in most former Soviet republics created new national historical narratives, combining selective appropriation of Soviet heritage with partial

Observe-se que a cidade não será nomeada como “coronel Delmiro”, mas apenas pelo nome do cearense. O que isto significa?

Os anos 1950, envoltos em debates sobre o desenvolvimento, representam uma mudança significativa na leitura feita dos rumos da “região-problema” do país. A criação do Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste (GTDN), encabeçado por Celso Furtado, indicia um dos primeiros sinais de mudança no enfoque conferido àquele espaço<sup>14</sup>. O próprio Furtado explicou: “O grande debate do momento era sobre o desenvolvimento do Brasil, que estava se fazendo de verdade. O processo de industrialização ‘pegara’, digamos assim”<sup>15</sup>.

Desta forma o Nordeste, elevado ao status de “fator de segurança nacional”, tornou-se espaço de diversas medidas políticas. A criação de instituições como o BNB – Banco do Nordeste do Brasil<sup>16</sup> (1952), o primeiro órgão federal para o desenvolvimento regional sediado na região, em Fortaleza, o ETENE – Escritório de Estudos Econômicos do Nordeste (1952), CODENO – Conselho de Desenvolvimento Econômico do Nordeste (1959), além da própria SUDENE (1959) revela a importância que a região adquiriu no período Pós-Segunda Guerra. Afinal de contas, “a década de 50 apresenta um Nordeste com graves tensões que põem em jogo – pelo menos acreditava-se – a própria estrutura política vigente”<sup>17</sup>. Finalmente, deslocada do problema exclusivamente hidráulico, a “região-problema” era considerada também pelas adversidades em sua estrutura produtiva e passava a exigir do Governo Federal uma intervenção mais articulada, mais incisiva.

---

victimization of their nations as former ‘colonies’ of Moscow”. Zhurzhenko, Tatiana. The geopolitics of memory. *Eurozine*. 10 maio 2007. p. 6 Disponível em: < [www.eurozine.com](http://www.eurozine.com) >. Acesso em: 12 abr. 2007. Um exemplo dos desdobramentos destas lutas pela memória foi demonstrado pela onda de ciberataques à Estônia ocorridos entre o final de abril e meados de maio de 2007. Os ataques tiveram início após a remoção da estátua de um soldado soviético do centro da capital para um cemitério militar. Segundo a revista *Veja*: “Os sites da Presidência da República, do Parlamento, dos partidos políticos e dos bancos foram invadidos para que colocassem no ar frases e fotos de soldados soviéticos. Ainda mais grave foi o uso de vírus para sobrecarregar os servidores da Estônia, impedindo-os de funcionar”. TEIXEIRA, Duda. Uma guerra pela Internet. *Veja*, 23 maio 2007. p. 74-75. Ver ainda: ZIÓLKOWSKI, Marek. Remembering and forgetting after communism – The Polish case. Disponível em: [www.fl.ulaval.ca/celat/histoire.memoire/histoire/cape1/ziolkowski.htm](http://www.fl.ulaval.ca/celat/histoire.memoire/histoire/cape1/ziolkowski.htm). Acesso em: 28 jul. 2005

<sup>14</sup> Segundo Amélia Cohn, “os estudos sobre o desenvolvimento industrial brasileiro normalmente só passam a incluir dados sobre o Nordeste a partir de 1950. Isto já é um fato sintomático, na medida em que é só a partir de então que a região ganha maior peso em termos de participação nesse processo”. Cf. COHN, Amélia. *Crise regional e planejamento: o processo de criação da SUDENE*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1978. p.23

<sup>15</sup> FURTADO, Celso. *Seca e poder: entrevista com Celso Furtado*. 2 ed. São Paulo: Perseu Abramo, 1998. (Ponto de Partida).

<sup>16</sup> Conforme a Constituição de 1946, o BNB contava com 1% da receita nacional destinados ao combate à seca. Cf. COHN, op.cit., p.62.

<sup>17</sup> *Ibid.*, p. 64

A seca de 1958 foi significativa, pois trouxe à tona casos de manipulação dos recursos públicos enviados. A “indústria da seca” ganhou as páginas dos jornais. O Governo Federal liberou verbas para socorrer estados como Rio Grande do Norte, Paraíba e Ceará, os mais atingidos; remeteu alimentos e criou frentes de trabalho através do DNOCS<sup>18</sup>. Tendo sido talvez a mais cruel que o Brasil conheceu, a estiagem deixou cerca de 520.000 flagelados (praticamente o dobro dos atingidos em 1932). Aproximadamente 13% da população nordestina foi afetada. O avanço das ideias comunistas, aliado aos graves problemas sociais, colocou o Nordeste no foco dos interesses não apenas de outros estados brasileiros. Os Estados Unidos demonstraram um particular interesse por aquela parte do país.

O *New York Times*, por exemplo, servia seus leitores com frequentes notas sobre as atividades dos esquerdistas brasileiros, descrevendo também as dificuldades enfrentadas pelos habitantes do Nordeste: “Marxists are organizing peasants in Brazil”, avisava o jornal em novembro de 1960. Em nota sobre o crescimento das “ligas camponesas”, o periódico novaiorquino informava em tom de denúncia grave: “the league is led by officials of the Brazilian Socialist party who acknowledge their Marxist leanings, and by member of the Communist party”. A conclusão era a de que os camponeses estavam realizando uma espécie de movimento “fidelista” fora de Cuba<sup>19</sup>. As palavras de Miguel Arraes (1916-2005), contrárias ao capital estrangeiro, os discursos de Francisco Julião (1915-1999) e a fome que assolava zonas do Nordeste desfrutavam de atenção cuidadosa do jornal. Mapas ajudavam o leitor a compreender a posição estratégica da região em tempos de Guerra Fria<sup>20</sup>.

Se mantivermos nosso foco nos anos 1950, perceberemos que Delmiro Gouveia era citado como exemplo nos debates sobre a Hidrelétrica de Paulo Afonso. O projeto foi anunciado pelo *NY Times* como “the greatest enterprises of its nature in South America”<sup>21</sup>. A criação da Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF) alimenta discussões exaltadas entre políticos, intelectuais, ocupa as páginas dos jornais e, em

---

<sup>18</sup> O DNOCS chegou a empregar 400.000 homens e o DNER, contratou 140.000 trabalhadores. Cf. COHN, op.cit., p.69

<sup>19</sup> Cf. SZULC, Tad. Marxists are organizing peasants in Brazil. *The New York Times*. nov. 1960

<sup>20</sup> Cf. BRAZILIAN governor scores foreign aid. *The New York Times*. 01 feb. 1963. Ver ainda: SZULC, Tad. Northeast Brazil Poverty breeds threat of a revolt. *The New York Times*. 31 oct. 1960. p.1,4.

<sup>21</sup> Segundo o jornal, o presidente Café Filho e comitiva seguiram para o Nordeste numa sexta-feira (14/01) e no dia seguinte estavam colocando em operação a hidroelétrica. A nota informa ainda que: “In the party was George Wilcow, vice presidente of the Westinghouse International Electric Company, which contracted to supply all the material used in the power plant at a cost of about \$ 8.000,000”. GREAT power plants is opened in Brazil. *The New York Times*. 16 jan. 1955.

meio às saraivadas, Delmiro se ergueu e caminhou em ascensão entre as décadas de 50 e 60, transformando-se novamente num ícone significativo não apenas para a CHESF, mas também para outros defensores do desenvolvimento nordestino. E afinal de contas, “o que é recordar, senão lembrar-se de alguma coisa ou de alguém? Não se lembra de qualquer acontecimento insignificante, ou de qualquer pessoa indiferentemente”<sup>22</sup>. Se não causam impressão alguma, nem pessoas, nem acontecimento conseguem ser lembrados. Impressionado por Gouveia e seus feitos, Tadeu Rocha, um dos mais importantes biógrafos do coronel, publicava longas reportagens sobre a vida do cearense em jornais pernambucanos e cearenses. Porém, mais do que estes esforços por lembrar, um fato aparentemente simples chamou a atenção da imprensa para o tal esquecimento.

Ao mencionar no longo discurso inaugural da CHESF as personalidades que, de um modo ou de outro, estiveram ligadas às lutas pelo aproveitamento das quedas de Paulo Afonso, o presidente Café Filho (1899-1970) simplesmente esqueceu ou ignorou Delmiro Gouveia. O espanto geral foi maior por questão geográfica. Afinal de contas, Café Filho era também ele nordestino. Um biógrafo observou que “se fosse com o General Dutra, Getúlio ou outro sulista, perdoaríamos”<sup>23</sup>. Não bastasse isto, a já mencionada entrevista de Maria Gouveia foi tomada por alguns jornalistas e intelectuais para qualificar que o discurso inaugural da Companhia como um lapso, uma gafe. Delmiro fora olvidado. E a ideia do “esquecimento” serviu para argumentar que o processo de implantação da Companhia estava incompleto sem a presença de cearense. Era necessário remontar a memória do “precursor”. Reacender o seu mito. E tal projeto foi levado a curso. Além disto, a proximidade do centenário trouxe consigo a demanda por histórias sobre o negociante. Algumas instituições foram acionadas para responder tal anseio.

Uma delas, o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, sediado no Recife, parece ter sido um dos principais órgãos dedicados a reconstruir a memória de Gouveia. De lá, Mauro Mota e Gilberto Freyre, entre outros, traçaram estratégias para recuperação da memória de Delmiro como um grande brasileiro. Os caminhos para a realização deste intento aparecem nas palavras do escritor Paulo Dantas, que literalmente convoca outros pesquisadores a romperem a “cortina de boicote e silêncio” que envolvia

---

<sup>22</sup> MASCHIETTO, Cármem Cecília Trovatto. *A tradição euclidiana: uma ponte entre a história e a memória*. São Paulo: Arte & Ciência; São Paulo: UNIRIO, 2002. p.41.

<sup>23</sup> LIMA JÚNIOR, op.cit., p. 293.

Delmiro<sup>24</sup>. Dantas chegou a propor uma espécie de plano estratégico para a empreitada. Afirmado que exaltar o cearense era “um trabalho de equipe”, o autor de *Delmiro Gouveia e outros sertões* escreveu ser necessário tomar o cearense e “colocar sua figura nas devidas proporções”. E ditou a receita para concretizar tão ambicioso intento, afirmando ser vital a formação de um grupo “de escritores, jornalistas, artistas e políticos de boa vontade” a cerrar “fileira em torno do nome de Delmiro Gouveia, restaurando-o dentro do coração nacional com o respeito e a admiração que ele merece”<sup>25</sup>.

O apelo de Dantas nos lembra que os lugares da memória, como escreveu Pierre Nora, resultam de ações que não são naturais. Tais lugares “nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres”<sup>26</sup>. O mesmo autor da chamada avisava que o seu apelo possuía ecos: “sei de escritores que já estão trabalhando neste sentido, e isso só vem honrar as tradições democráticas de uma literatura viril colocada a serviço do homem brasileiro”<sup>27</sup>. As palavras de Dantas ecoam as ideias salmodiadas por Mauro Mota.

Mota informou acerca de outras medidas tomadas para estabelecer suportes à memória de Delmiro. Segundo ele, o IJNPS preparava um acervo referente ao negociante. A instituição havia reunido desde “peças da azulejaria portuguesa e dos mármore italianos de sua casa de Apipucos; os retratos” e até mesmo “o gramofone no qual, em alguns domingos alagoanos, ouvia a ária do Rigoletto ao lado do amigo, o coronel Manuel Rodrigues da Rocha, em Santana do Ipanema”. Todo este material estava sendo selecionado para ajudar a lembrar Gouveia. Conforme Mota, até mesmo “carretéis da linha marca *Estrela*, símbolo do seu gênio industrial, símbolo de sua vida e de sua morte<sup>28</sup>” foram coletados. O que justifica esta caçada por artefatos ligados a Delmiro? Talvez, seja conveniente retomar as palavras de Nora ao avisar que “se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares porque não haveria memória transportada pela história”<sup>29</sup>. E a consagração de lugares a Delmiro Gouveia, ao que tudo indica, foi intensa. Anos antes

---

<sup>24</sup> DANTAS apud ARARIPE, J.C. Alencar. *A glória de um pioneiro: a vida de Delmiro Gouveia*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1965. p.16.

<sup>25</sup> DANTAS, Paulo. O Delmiro Gouveia de Mauro Mota, o meu e o dos outros. In: MOTA, Mauro. *Quem foi Delmiro Gouveia?* São Paulo: Edições Arquimedes, 1967. p.60. (Coleção Brasil Paratodos, 2)

<sup>26</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo, v. 10, dez. 1993. p.13

<sup>27</sup> MOTA, op.cit., p.60.

<sup>28</sup> Ibid., p.7.

<sup>29</sup> NORA, op. cit., p.24.

do centenário, através da intervenção de Gilberto Freyre, a Vila Anunciada, a famosa casa de Gouveia no Recife, foi comprada e passou a servir de sede ao Centro de Pesquisas Educacionais do Ministério da Educação e Cultura<sup>30</sup>. Além do IJNPS, outra instituição em especial possuía interesse em estabelecer Gouveia como um precursor da industrialização: a Companhia Hidrelétrica do São Francisco.

Criada nos anos 40, a CHESF<sup>31</sup> teve primeiro uma função estratégica mais ligada ao aspecto das comunicações, dos transportes do que propriamente ao campo energético. Os tempos de Guerra, preenchendo o Atlântico de perigos, propiciaram a incursão pela bacia sanfranciscana. Contando com 1% da receita tributária da União, a sociedade de economia mista deveria desenvolver o potencial hidrelétrico de Paulo Afonso através da aplicação racional dos seus recursos<sup>32</sup>. Mergulhado nas águas do “rio da unidade nacional”, Delmiro Gouveia aparece como um autêntico herói nas falas dos defensores da viabilidade do projeto de desenvolvimento regional. E, em certas ocasiões, como se ouvissem perfeitamente ao apelo de Paulo Dantas, muitos se reúnem para a promoção de seu mito.

Tal “operação coletiva” se aproxima das observações sobre o funcionamento da memória feitas por Pollak. Se a memória compreende uma interpretação do passado, ela “se integra (...) em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, (...) famílias, nações etc.”. O ano de 1963, ao que parece, representa um momento em que as memórias sobre Delmiro Gouveia acirram seus conflitos, lutam com mais força para serem fixadas e instituídas como “oficiais”. Assim, o apelo de Dantas, para recolocar Delmiro entre os nomes de destaque no Panteão dos heróis nacionais, acompanha a ideia de que tomar o passado como uma referência ajuda a manter a união entre diferentes grupos e

---

<sup>30</sup> A aquisição ocorreu em 1958. Atualmente o prédio sedia a hemeroteca da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ). Vale lembrar que o Instituto Joaquim Nabuco surgiu num contexto de comemorações. A proximidade do centenário de nascimento de Joaquim Nabuco (1949) serviu como argumento para Gilberto Freyre, então deputado, intervir a favor da criação de um centro de estudos em Pernambuco ainda em 1948. A entidade foi criada através da lei 770, de 21 de julho de 1949. Cf. PEDRO, Arthur. A Fundaj e as Desigualdades Regionais e Sociais. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=377&textCode=9071&date=currentDate>>. Acesso em: 20 jul 2007.

<sup>31</sup> DECRETO-LEI 8.301 em 3 out.1945; regulamentado pelo DECRETO EXECUTIVO 19.706

<sup>32</sup> COHN, op. cit., p.60.

instituições sociais, bem como possibilita “definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também oposições irreduzíveis”<sup>33</sup>.

### **Delmiro Gouveia: um coronel com as memórias em disputa**

Por conta destes embates, os novos arquitetos da vida do cearense, seus “atores institucionais da memória”, enfrentaram o desafio de atualizar um mito. Mauro Mota, por exemplo, afirmou a sua preocupação com a retomada de Gouveia e de seus projetos como símbolos de uma época áurea para o Nordeste. Após criticar a ausência ocorrida no discurso inaugural da CHESF, Mota defendeu a necessidade de reavivar a memória em torno de Gouveia: “A articulação da vida e da cultura brasileira do Nordeste jamais poderia ser feita de costas para um passado que insiste no calendário (...) Jamais seria integral com o esquecimento de um valor humano do porte de Delmiro Gouveia”<sup>34</sup>. A relação entre os feitos do homenageado e a preocupação do palestrante com as minúcias das datas e horários sinaliza para uma concepção de história. Balanceando o tempo do trabalho, concebido como linear, e os momentos livres, inseridos em um tempo cíclico, tradicional, embora permeável à mudança, Mota propõe uma história cronológica na qual os acontecimentos se inscrevem no calendário, este “órgão de um tempo que recomeça sempre”. Desta maneira, o poeta situa Delmiro Gouveia e seus dias de nascimento e morte como momentos dos quais não se pode fugir, não se deve esquecer<sup>35</sup>.

E por que Delmiro? Os motivos para a retomada deste personagem a partir de meados dos anos 50, culminando com a série de eventos e publicações nos anos 1960 e 1970, se provavelmente estão relacionados aos debates em torno do aproveitamento da bacia do Rio S.Francisco e do papel a ser cumprido pela CHESF e outras agências governamentais no Nordeste, também posicionam Gouveia como um inconstante, ele parece ter sido “reativado” porque, naqueles tempos, era um herói necessário. Como diria Agualusa, “naquela época precisávamos de heróis como de pão para a boca”<sup>36</sup>. Aqui analisarei apenas o caso de Pernambuco, onde o ano oficial do centenário de nascimento de Gouveia envolveu um farto *menu* de atividades celebrativas.

---

<sup>33</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989, p. 3-15.

<sup>34</sup> MOTA, op.cit., p.6-7.

<sup>35</sup> LE GOFF, Jacques. *História e memória*. v.2. Tradução Ruy Oliveira. Lisboa: Edições 70, 2000. p. 91; 96-97

<sup>36</sup> AGUALUSA, op.cit., p. 120.

Após o quase fiasco de 1961, quando os estudiosos, tão apegados à cronologia, correram o risco da ridicularização por comemorarem na data errada, dois anos depois tudo devia correr da melhor forma possível. E até que não houve grandes problemas. Dificuldade mesmo se deu quando o Papa João XXIII (1881-1963) adoeceu nas semanas anteriores ao evento e, pasmem, morreu justamente no início dos trabalhos, em 3 de junho.

Quais são os corolários disto para as celebrações do centenário de Delmiro Gouveia? Os piores possíveis. A morte do Sumo Pontífice arrastou os olhos da opinião pública para os funerais (que só tiveram fim oficialmente em 17 de junho) e desatou o interesse pelo processo sucessório, iniciado através do Conclave. Um rápido olhar sobre jornais da época e veremos como o coronel foi ofuscado pelo clérigo: “Um milhão de fiéis visitarão o corpo de João XXIII” (06/06) e “Os 82 Cardeais que elegerão o sucessor do Papa João XXIII”<sup>37</sup>. Pouco restou a Gouveia e aos seus admiradores.

Porém, mesmo com a maioria das notícias dedicadas ao acontecimento que poderia alterar os rumos da Igreja Católica, Delmiro angariou certo espaço. Que dizer da homenagem recebida do Conselho deliberativo da SUDENE, numa reunião capitaneada por Celso Furtado? Na ocasião, o economista lembrou o cearense como “um grande lutador”<sup>38</sup>. Atentemos para a faceta do antigo senhor da Pedra retomada pela dita homenagem. É o “modernizador” quem interessa. O “coronel” é sutilmente deixado de lado.

Todavia, apesar da menção, é inquestionável o eclipse sofrido pelos eventos celebrativos em torno do centenário. Claro, isto não implica no descrédito destas atividades. Justamente pelos empecilhos encontrados, as homenagens erguidas para Gouveia merecem cuidadosa reflexão. “Myths shaped mentalities, and they too can be found in strange places”, escreveu Darnton<sup>39</sup>.

Em Pernambuco, o maior evento organizado para celebrar o centenário de nascimento do “rei das peles” foi a Semana Delmiro Gouveia (SDG). Contando com a participação de diversos intelectuais e coordenada por Mauro Mota, a SDG consistiria numa exposição realizada na antiga casa do negociante em Apipucos, de um ciclo de palestras e de um concurso de monografias. Além disto, intelectuais como Gilberto

---

<sup>37</sup> DELMIRO Gouveia e os estudantes. *Diário de Pernambuco*. 7 jun.1963. p.4.

<sup>38</sup> SUDENE aprova siderúrgica e usina hidrelétrica. *Jornal do Commercio*. 6 jun. 1963.p.3

<sup>39</sup> DARTON, Robert. *Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p.14.

Freyre e Mota utilizaram seus respectivos prestígios para atraírem a maior divulgação possível à celebração.

No dia 5 de junho, data do nascimento do coronel, o engenheiro Apolônio Sales então presidente da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (CHESF), era mencionado por considerar a Companhia sob seu comando como uma instituição “integrada” aos ideais de Delmiro<sup>40</sup>. O mesmo Sales, depois comandaria a cerimônia em que uma placa comemorativa foi instalada em Paulo Afonso, na barragem batizada com o nome do cearense<sup>41</sup>. Consultados numa matéria retrospectiva, Mota e Freyre, novamente, instigam o culto ao negociante.

Segundo Mota, o cearense era um “nacionalista”, um “pioneiro” e “desbravador”, um herói capitalista, vítima de uma conspiração estrangeira. “O fato de um truste estrangeiro de linhas de coser ter adquirido a maquinaria da Pedra, logo depois do assassinato de Delmiro Gouveia”, argumentou, “evidencia o seu lavar de peito em face do homicídio, a vingança nada póstuma, exercida contra os equipamentos que eram a continuidade da vida e da ação do grande nordestino”<sup>42</sup>. Logo depois, Gilberto Freyre insere outros componentes na sua descrição. Primeiro, ao retomar uma comparação frequente nos estudos sobre Delmiro, o sociólogo aproxima o cearense de outra figura mítica no capitalismo brasileiro, a saber: Irineu Evangelista de Sousa, o Barão de Mauá (1813-1889):

Nós do Nordeste devemos considerar Delmiro Gouveia uma figura de tanta importância no processo de industrialização do Brasil como foi antes dele o hoje justamente célebre Mauá. Podemos dizer que se tivéssemos tido, no Nordeste, no fim de século passado e no princípio do atual, não apenas um mas quatro ou cinco Delmiros, o Nordeste não tinha ficado na situação deprimente em que veio a ficar, quer com relação ao estrangeiro quer com relação a industriais colonialistas de São Paulo<sup>43</sup>.

Tal expediente consiste num recurso didático, se considerarmos que Delmiro apresentado por Freyre não era, naqueles dias, amplamente conhecido. Ao mesmo tempo, há nas palavras desse estudioso um curioso fatalismo. O problema do Nordeste estava na rarefação de outros como Gouveia em sua história. Freyre desfere ainda um último golpe nos “estrangeiros” e nos “industriais colonialistas de São Paulo”.

---

<sup>40</sup> A CHESF é hoje o que Delmiro realizou no começo deste século. *Jornal do Commercio*. 5 jun. 1963.p.8.

<sup>41</sup> DELMIRO Gouveia e os estudantes. *Diário de Pernambuco*. 7 de jun.1963.p.04.

<sup>42</sup> O ÓDIO e a inveja tramaram e mataram o grande nordestino. *Jornal do Commercio*. 5 jun. 1963.p.8

<sup>43</sup> *Ibid.*

Curiosamente, o ataque recebe endereço certo apenas no segundo grupo, aquele dos paulistas; os tais “estrangeiros” não são identificados.

Além das considerações seletivas de Freyre, chama a atenção nas passagens acima a afirmação de Mota sobre “um trustee estrangeiro de linhas de coser ter adquirido a maquinaria da Pedra, logo depois do assassinato de Delmiro Gouveia”. Para um especialista na vida do “verdadeiro nacionalista do Nordeste”, o poeta não poderia estar mais equivocado. Vale lembrar que enquanto o cearense foi morto em 1917, a Fábrica só chegou às mãos inglesas em 1929. Por quais motivos Mota cometeria tamanho lapso? Uma análise cuidadosa revelará que, entre as táticas argumentativas deste intelectual, tal recurso não foi incomum.

O rigor cronológico torna-se maleável nas argumentações de Mota sempre que isto favorece a ideia do coronel como um herói legítimo. A seu modo, quando necessário, Mota reescreveu a saga de Gouveia. Daí a sua afirmação de que Delmiro “criou Paulo Afonso e com Paulo Afonso uma civilização industrial”. Escrevendo e apagando, remontando memórias, Mauro Mota demonstra uma astúcia impressionante e um trabalho vigoroso na arte da apologia<sup>44</sup>. E assim, ajudando a nomear lugares, a erguer monumentos, a celebrar aniversários, Mota e outros estabeleceram suportes para a memória de Delmiro, inserindo-a na história nacional.

Se, como lembra Waly Salomão, considerarmos que “a memória é uma ilha de edição”, é possível compreender a necessidade do poeta em recorrer a lugares e a eventos celebrativos para posicionar Gouveia como referência à história do Nordeste e do Brasil. Mota e os demais pesquisadores se esforçaram para instituir uma tradição em nome de Gouveia<sup>45</sup>. Ao afirmar isto, não sugiro que o projeto obteve o sucesso esperado, foi duradouro ou algo semelhante. Ao contrário, acredito que o centenário foi evento de pouca repercussão. Ainda assim, a forma como ele surge e se estabelece merece atenção, afinal de contas, uma tradição inventada procura “estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado”<sup>46</sup>.

Em Pernambuco, a SDG foi indubitavelmente o mais expressivo entre os eventos organizados para (re) apresentar o homem conhecido por “rei das peles” ao Brasil. Tudo ocorreu em junho de 1963. Não tive acesso a todas as palestras. A

---

<sup>44</sup> CHARTIER, Roger. *Inscrever & apagar: cultura escrita e literatura (séculos XVI-XVIII)*. Tradução Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Ed. Unesp, 2007.

<sup>45</sup> HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (Org.) *A invenção das tradições*. 4 ed. Tradução Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. (Coleção Pensamento Crítico, v. 55).

<sup>46</sup> HOBBSAWM; RANGER, op. cit., p. 9.

publicação prometida para o fim do evento, pelo que se sabe, não vingou. Todavia, alguns dos conferencistas chegaram a publicar as suas falas em outras lugares. Ao mesmo tempo, uma caça paciente nos jornais pernambucanos permitiu, ainda que de forma muito complicada, delinear aspectos abordados nestes encontros de fim de tarde. As observações realizadas a seguir resultam destes trechos aos quais tive acesso, de informações oriundas de um trajeto tortuoso, de cruzamentos de referências da época e até mesmo de um pouco de imaginação. Mas imaginação em dose bastante parcimoniosa e regida por uma atenta escuta aos ecos de outrora. Como diria Natalie Zemon Davis, “o que aqui ofereço ao leitor é, em parte, uma invenção minha, mas uma invenção construída pela atenta escuta das vozes do passado”<sup>47</sup>.

Começo minhas observações por Virginius de Gama e sua palestra “Os atos de Delmiro Gouveia e a civilização regional”. O conferencista, considerou o evento adequado para “verificar” os principais problemas dos anos 1960 no Nordeste. Do ponto de vista das “razões criadoras”, permanecia a mesma realidade econômico-social de cem anos antes: “Destaca-se, por isso, neste centenário a imensa oportunidade prática que é a discussão, o debate, a análise do que se pode chamar as teses de Delmiro para o desenvolvimento da região nordestina”<sup>48</sup>.

A partir desta constatação, o autor argumentou que devido aos problemas enfrentados pelo Nordeste daqueles tempos: “os intelectuais descem às massas e as massas elevam-se aos intelectuais. Há uma solidariedade quase de desespero em busca duma salvação urgente”<sup>49</sup>. Ora, neste processo circular, em que diferentes grupos sociais trocariam correspondências, o autor posicionou Delmiro como um homem “quase analfabeto, sem frequência às escolas”, mas que, sendo um “cearense atrevido” com a “consciência mais viva de pobreza e necessidade”, realizou um feito único. Delmiro Gouveia foi o primeiro na região a eliminar o “complexo de inferioridade” do brasileiro<sup>50</sup>. Na solidariedade sugerida por Virginius da Gama, Gouveia é concebido como uma espécie de articulador entre dois tipos de mundo, de culturas diferentes. De um lado, ele é mostrado como oriundo das classes pobres, desprovidas da educação formal; de outro é o negociante arrojado que realiza coisas que os livros não ensinavam.

---

<sup>47</sup> DAVIS, Natalie Zemon. *O retorno de Martin Guerre*. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. (Oficina da História).

<sup>48</sup> MELLO, Virginius de Gama. Delmiro Gouveia: criador de riquezas coletivas. In: \_\_\_\_\_. *O romance nordestino e outros ensaios*. João Pessoa: E. UFPB, 1980. p. 125.

<sup>49</sup> *Ibid.*

<sup>50</sup> *Ibid.*, p. 126.

A ideia de uma relação circular entre dois tipos de cultura, como já mostraram Ginzburg, Chartier e Burke, nos ajuda a entender a forma como Gama constrói o seu argumento. Nele o papel do intelectual é auscultar as classes deseducadas, ser o intérprete e, ao mesmo tempo, o realizador dos seus anseios. Os projetos de Delmiro aparecem nas palestras comemorativas como exemplos de ações que as elites, de modo a evitar as suas próprias ruínas, deveriam tomar.

Na escrita meticulosa de Gama, o cearense representaria uma continuidade afirmativa da personalidade brasileira. O autor reforça a construção simbólica do cearense como um herói mítico. Embora tenhamos em mão um registro muito pobre frente ao que pode ter sido a palestra – perdemos as demais formas de expressão deste e dos demais palestrantes, as gesticulações, os golpes de vista, as impositões – é possível acompanhar as ideias de Robert Darnton e dizer que o conferencista “selecionou detalhes, ordenou os acontecimentos e estruturou a história de maneira a destacar o que era significativo para ele”. Todavia, ao descrever Delmiro como um mártir, o redentor dos males de um Nordeste subdesenvolvido, Gama “tirou suas noções de significado de sua cultura, tão naturalmente como inspirava o ar da atmosfera em torno”<sup>51</sup>. Assim, atrelando de modo inexorável o passado ao futuro, numa leitura determinista, Mello atualiza Gouveia, transpondo para os anos 1960 o problema do desenvolvimento dos sertões através da industrialização. Um circuito que conecta Delmiro ao Nordeste; a região à CHESF e esta tríade à redenção desenvolvimentista.

O segundo a falar foi Tadeu Rocha. Embora não tenha tido acesso ao conteúdo integral da palestra “Delmiro Gouveia, um sertanista moderno”, creio ser pouco provável que ela tenha fugido ao que o autor já escrevia sobre Gouveia há quase uma década em jornais como o *Diário da Manhã* e *Jornal do Comércio*. A conferência teve menor destaque que a anterior. Um ouvinte classificou a fala de Rocha como “um pouco extensa”. Feita no “estilo biográfico”, a palestra realçou o aspecto vanguardista de Gouveia. Segundo o palestrante, o coronel foi um homem que “há tantos anos atrás, já pensava de uma maneira moderna, em relação aos seus empregados”. Na verdade, é provável que Rocha tenha apenas antecipado parte do seu livro *Delmiro Gouveia: o pioneiro de Paulo Afonso*, lançado dias depois em Maceió.

---

<sup>51</sup> DARNTON, Robert. Os trabalhadores se revoltam: o grande massacre de gatos na rua Saint-Séverin. In: \_\_\_\_\_. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. 5 ed. Trad. Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986. p.133.

Se considerarmos as demais entrevistas, bem como os inúmeros textos produzidos para jornais pernambucanos, possivelmente Tadeu Rocha destacou o Delmiro de práticas modernizadoras no trato com seus empregados. Como é do seu feitio noutros escritos, ocupou a maior parte da sua fala com a vida de Gouveia, reservou tempo para detalhar o crime e sugerir culpados. O término da fala, conforme os jornalistas de plantão, ocorreu com uma “descrição pormenorizada” daquilo que o autor sabia sobre o assassinato do homenageado. A preocupação com as minúncias, uma característica de Rocha, pode ser um dos motivos para a reclamação de que a palestra teria sido longa.

Outro que teve pouco destaque foi Raimundo Girão, palestrante do terceiro encontro. Apesar de ser intelectual conhecido nos círculos acadêmicos do Nordeste, professor da Universidade Federal do Ceará, intelectual com publicações reconhecidas, Girão não arrancou grandes comentários sobre a conferência “Campos do Ipú e carretéis de linha da Pedra”. Por sua vez, Mauro Mota cuidou da organização da Semana e da exposição constante no evento. Naqueles dias ele já havia publicado o ensaio “Estrela da Pedra”, no Boletim do Instituto. Mas, para a sua fala na SDG, Mota procurou oferecer um enfoque diferente. O que motivaria esta mudança de perspectiva? Talvez, o fato de poucas vezes o diretor executivo do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS) ter encontrado tantos rivais à altura ao falar de Delmiro. Em se tratando da vida do cearense, Tadeu Rocha era um pesquisador muito mais autorizado. Conduzir sua palestra para um perfil biográfico seria uma estratégia infeliz. Como se apegasse aos conselhos de um biógrafo que certa vez escreveu que “muitas vezes um pequeno feito, uma palavra, uma bagatela revelam melhor um caráter que os combates mortais”<sup>52</sup>, Mota buscou algo que gerasse curiosidade. Esteja esta hipótese correta ou não, o que se sabe é que o poeta resolveu oferecer uma leitura diferenciada através de um documento, até então, inédito.

A fonte de Mota foi um manuscrito entregue ao IJNPS por um ex-negociante de courinhos. A palestra foi intitulada “Delmiro Gouveia no diário de um comprador de peles em Belém do São Francisco”. Pode-se dizer que Mota exagerou. Ele não teve em mãos um diário, mas as memórias manuscritas de um certo Félix Pires de Carvalho. Trata-se da “História da vida e da morte de Delmiro Gouveia”, escrito em 1962. Um manuscrito com cerca de 39 páginas, através das quais o autor, que atuou

---

<sup>52</sup> PLUTARCO. *Vidas paralelas: Alexandre e César*. Apresentação Voltaire Schilling. Tradução Júlia Rosa Simões. Porto Alegre: L&PM, 2005. p.19.

como agente do cearense, imprime a sua versão sobre o ex-chefe<sup>53</sup>. Assim sendo, a palestra daquela tarde consistiu numa labuta com as memórias de Félix. Mota destaca a relevância dos escritos de Carvalho, a sua contribuição através das “miudezas” que produziu<sup>54</sup>.

O último a falar foi Antiógenes Chaves. Advogado e presidente do *Diário de Pernambuco*, Chaves abriu a sua palestra informando ter sido indicado para ler, antes da sua própria fala, uma reflexão escrita por Assis Chateaubriand, dono não só daquele periódico, mas de uma rede com dezenas de informativos pelo Brasil. De Londres, onde naqueles dias ocupava a Embaixada brasileira, Chatô mandou um texto intitulado “O Rei e Senhor do chifre pequeno”, no qual elabora leitura própria de Gouveia.

Conforme Chateaubriand, Delmiro não parecia um cearense: “Parecia, antes, um beirão português ou um espanhol basco. Era praticamente analfabeto e levava a pensar o dia inteiro”. Temos aqui algo que parece faltar aos demais palestrantes (se considerarmos a intromissão de Chatô sendo ela própria uma espécie de palestra), uma figura que tem carne, surge viva. Gouveia emerge muito mais próximo de um ser humano do que de um herói romântico<sup>55</sup>.

De onde Chatô arrancava tanta autoridade para falar de Delmiro em meio aos especialistas na vida do negociante? O próprio jornalista lembra: “Convivemos quatro anos. Se havia uma pessoa em quem depositava confiança, era eu”. E assim, com o respaldo de quem conhecera Gouveia pessoalmente, de quem convivera com ele, de quem intermediara negócios entre o comerciante e indivíduos estrangeiros, o embaixador afirmou que o principal projeto de Gouveia não residia na industrialização do sertão: “Conhecia-o dentro de dois pólos – o bode e a reforma social do jagunço”. E complementou a intromissão: “Diria melhor – os courinhos e a transformação do homem do sertão bruto, onde habitava”<sup>56</sup>.

Assim, após as observações de Chateaubriand, parece haver pouco tempo para a fala de Antiógenes Chaves. Com a palestra “Delmiro Gouveia, mais que industrial”, o jornalista deslocava seus argumentos para o lado “progressista” de

---

<sup>53</sup> CARVALHO, Félix Pires de. História da vida e da morte de Delmiro Gouveia. Carpina, Pernambuco, 1962. CEHIBRA. 39 fls. Manuscrito.

<sup>54</sup> IJN encerrou Ciclo de conferências. *Diário de Pernambuco*. 12 jun.1963. p.3.

<sup>55</sup> PRESIDENTE do Diário leu a mensagem: “O Rei e Senhor do chifre pequeno”. *Diário de Pernambuco*. 12 jun. 1963.p.3.

<sup>56</sup> Ibid.

Gouveia. Chaves acompanha o movimento iniciado na palestra de Gama e, deste modo, alimenta a demolição da faceta de Gouveia como um “coronel” suprimindo-a com o halo de “industrial”. Em sua fala, Chaves definiu Gouveia como “moderno arquiteto do progresso”.

Seguindo a praxe dos eventos organizados por Freyre no IJNPS, a semana não se encerraria sem um balanço do evento feito pelo principal anfitrião. Gilberto Freyre abriu os trabalhos naquela tarde, apresentando Antiógenes Chaves. Ao Comparar as virtudes de Gouveia e as do conferencista, Freyre acentuou a autoridade de Chaves para tratar do cearense. O palestrante era como o homenageado, um homem público: “porque Delmiro foi, no melhor sentido da expressão, homem público”. Concluiu o raciocínio destacando o arrojo de Delmiro ao construir “no Recife, e não no Sul do Brasil, hotel de um novo tipo, mercado de feição moderno, parque também moderno de recreação para os recifenses; e gastando assim, no Nordeste, quando ganhou no Nordeste”.

A crítica acima possuía um alvo: empresários nordestinos que, “tornando-se ricos industriais, se esquecem do Nordeste”. Freyre lamentou a falta de reconhecimento de Delmiro: “Que grande Prefeito o Recife perdeu em Delmiro Gouveia!” O palestrante foi além: “Que grande Governador perdeu nele Pernambuco! Que grande ministro de Indústria e Comércio ou de Obras Públicas perderam no extraordinário pan-nordestino os Estados nem sempre Unidos do Brasil!”.

Qual a função do centenário comemorado pelo IJNPS? Para Freyre, o evento consistia na consagração do cearense e no reparo de uma injustiça por diferentes setores sociais: “intelectuais”, “homens de estudo”, “homens de letras”, “homens de ciência”. A efeméride, assim concebida, é momento para reler o passado? Apenas parcialmente, segundo a ótica de Freyre. Para ele, apesar do esmero com que se organizou o evento, os palestrantes olvidaram dois importantes nomes relacionados a um reconhecimento que não começava em 1963. Eram Chateaubriand e Oliveira Lima: “é de justiça salientar-se que tal consagração foi iniciada, ainda em vida de Delmiro, por dois dos maiores intelectuais brasileiros de seu tempo e do começo de nossa época: Oliveira Lima e Assis Chateaubriand”. Por fim, o senhor de Apipucos lamenta a ausência de estudantes e industriais (considerados público-alvo da Semana) no evento, e ironicamente declara: “nossos industriais trabalham em excesso e nossos estudantes estudam demasiado. Falta-lhes tempo para comparecer a conferências”. Esta reclamação de Gilberto Freyre ressoou.

A indignação do sociólogo ecoa em notas de jornais que lamentam a pouca frequência e culpam os professores. O que justificava as ausências era “o desinteresse deles”, os mestres, “pelo que não seja o ramerrão didático, o desinteresse deles para dar aos alunos qualquer espécie de conhecimento além dos limites dos programas de classe”, cogitava o *Diário de Pernambuco*<sup>57</sup> em nota publicada dias antes das reclamações de Freyre.

Nem mesmo o horário das conferências, que somente coincidiam com as aulas do ensino noturno, amparava a falta de estudantes e educadores nos salões do Instituto Joaquim Nabuco: “O programa do centenário consta também de aulas. E aulas em torno da vida e da obra de Delmiro Gouveia”, rebatia uma nota. Mesmo assim, não havia a almejada presença maçãça deste público entre os frequentadores: “Centenas de pessoas já deixaram seus nomes no livro de visitantes. Menos alunos de escolas, ginásios e colégios, conduzidos por seus diretores ou professores”. E embora lastime, ao mesmo tempo a nota em que ecoam as palavras de Freyre, citadas acima, comemora. O governador pernambucano prometeu baixar decreto obrigando uma preleção de meia hora sobre Delmiro em todas as escolas pernambucanas e exigindo a visitação da exposição no IJNPS. As reclamações, assim como as medidas desesperadas tomadas logo em seguida, revelam os efeitos inesperados do centenário. Projetado para ser uma atividade com a participação popular, o centenário de nascimento de Delmiro Gouveia ficou restrito a um grupo limitado de intelectuais, encastelados na antiga Vila Anunciada (nome com que o coronel batizou a casa, homenageando assim a sua primeira esposa). A tal “solidariedade” sugerida por Virginius de Gama não era tão vigorosa quanto o conferencista presumia.

O que dizem estes eventos? O que é possível retirar de uma experiência como a Semana Delmiro Gouveia? Neste evento, no torneio de palavras e conceitos ali envolvidos, delineia-se um processo de remanejamento da memória. Para reerguer um mito, eclipses e clarões entram em funcionamento. Aquilo que já foi chamado “the game of remembering, partial remembering and forgetting” pode ser visto de modo plural e, portanto, rico em versões<sup>58</sup>. É preciso considerar que tais memórias sugerem uma avaliação sentimental do passado, mas também demonstram grandes inquietações com os assuntos do presente. Em Pernambuco, diferentes atores sociais gravitaram em

---

<sup>57</sup> DELMIRO Gouveia e os estudantes. *Diário de Pernambuco*. 7 jun.1963.p.04.

<sup>58</sup> ZIÓLKOWSKI, op. cit.

volta das memórias de Delmiro, trabalharam e, em certos momentos, travaram duelos simbólicos para estabelecerem narrativas simpáticas à arquitetura da figura do coronel como emblemática no processo de modernização do Nordeste.